

Isolamento Digital – Conexões Que Reduzem A Interação Pessoal¹

Francisco Daniel Lima de SOUZA²

Iara Maria PEREIRA³

Khalil Basílio SOBREIRA⁴

Pedro Nóbrega VIDAL⁵

Jari Vieira SILVA⁶

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Observa-se haver processos de subjetivação e construção de identidade submetidos à esfera digital, que se encontra imersa no real e tangível. Acontece lá o que, por muitas vezes, deixa de tomar forma e ocorrer aqui: o sujeito tem refletida, em terreno digital, sua ausência no palpável e transformada em presença e engajamento social virtuais. Existe *online*, mas isola-se de seu semelhante no real. A inata habilidade do homem de comunicação presencial vem sendo desconstruída pelo uso de aparato tecnológico cujo acesso é facilitado.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Arte; Isolamento; Digital; Interação.

1 INTRODUÇÃO

Buscando base em teóricos da Comunicação e da Psicologia Social, é possível analisar o comportamento de um indivíduo que hoje em dia vive seus processos de subjetivação e construção de identidade cada vez mais subordinados à vida espelhada no âmbito digital de redes sociais e, por isso, tem sua convivência habitual em grupo ocasionalmente pausada ou prejudicada.

Uma fotografia foi pensada e produzida de maneira a retratar um sujeito isolado e estático, posicionado lateralmente à ideia de movimento e rápida passagem de tempo ilustrada pelas luzes das lanternas traseiras de automóveis em trânsito numa avenida da capital cearense.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, a ser realizado de 07 a 09 de julho, em Caruaru - PE, na Categoria Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística Avulsa.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º Semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, email: franciscodanielsouza@edu.unifor.br

³ Estudante do 3º Semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, email: iarafe13@hotmail.com

⁴ Estudante do 3º Semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, email: khalilsobreira@gmail.com

⁵ Estudante do 2º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: pedronobregavidal@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho, professor dos Cursos de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), email: jarivieira@gmail.com

2 OBJETIVO

Evidenciar, por meio da fotografia artística e da técnica de longa exposição, que o uso de dispositivos eletrônicos portáteis conectados à *web* pode causar no indivíduo (que passa por um processo de subjetivação subordinado à esfera digital) um isolamento e uma consequente redução da habitual convivência em grupo inata ao homem.

3 JUSTIFICATIVA

Sobrevive-se *online*. Quase tudo (se não tudo, de fato) o que se deseja e precisa fazer, hoje pode ser feito com o uso de dispositivos e tecnologias criados e aprimorados constantemente, condicionando o indivíduo a realizar à distância o que outrora, há alguns anos, somente seria possível presencialmente. E o acesso a essa tecnologia tem sido democratizado pelo próprio sistema socioeconômico vigente há alguns séculos, cujo poder de se reinventar ganha reforços a cada crise – o capitalismo.

Há viabilidade em âmbito virtual e nos dias atuais, por exemplo, para processos de formação profissional em diversas áreas de conhecimento, graduações tecnológicas e bacharelados, comércio de inúmeras mercadorias, contratação de múltiplos serviços e - por meio também de sites, redes sociais e aplicativos desenvolvidos para aparelhos celulares e *tablets* - relacionar-se com amigos, parceiros etc., conhecer pessoas de toda e qualquer parte do mundo, namorar, praticar relações sexuais. Com a mediação de dispositivos móveis conectados à rede mundial de computadores e processamento de dados, muitos dos estágios comunicacionais e da linguagem do sujeito vêm sendo postos em prática dentro de uma esfera que habita dentro do reconhecido real e palpável: a *internet*. Hoje, verdadeiramente, o processo de subjetivação do indivíduo se permeia e toma forma no terreno da *web*. Com os dedos, o homem se relaciona e se comunica, busca formação de identidade própria, fabrica próteses para suas necessidades atuais.

Fica cada dia mais evidente que a relação homem-aparelho eletrônico é reversível, e que ambos só podem funcionar conjuntamente: o homem em função do aparelho, mas, da mesma maneira, o aparelho em função do homem. Pois o aparelho só faz aquilo que o homem quiser, mas o homem só pode querer aquilo de que o aparelho é capaz. Está surgindo um novo método de fabricação, isto é, de funcionamento: esse novo homem, o funcionário, está unido aos aparelhos por meio de milhares de fios, alguns deles invisíveis: aonde quer que vá, ou onde quer que esteja, leva consigo os aparelhos (ou é levado por eles), e tudo o que faz ou sofre pode ser interpretado como uma função de um aparelho. (FLUSSER, 2007, p. 40-41)

Para compreender o que ocorre atualmente, é necessário retornar às fases iniciais da história da comunicação, embora ela estivesse mais associada à emissão e recepção de conhecimento em seu caráter puramente educacional: na primeira, com predomínio da oralidade acústica como forma de transmissão de conhecimento e de execução do processo comunicacional, havia o inter-relacionamento dos sentidos biológicos do indivíduo como meio de aprendizado, a conexão com o todo social e a recepção de mensagens emitidas através - com o advento da escrita, por exemplo - da leitura coletiva de pergaminhos e papiros configurava um contexto de mundo tribalizado; na segunda, marcada pelo advento da prensa de Gutemberg e pelas conseqüentes popularização da imagem grafada em impressos e democratização do ensino, da educação e do acesso à informação, uma destribalização se inicia, pois o homem passa a não precisar mais se submeter aos poucos detentores do conhecimento de outrora e torna-se receptor, ouvinte, leitor e estudante solitário.

Hoje, após o aparecimento do rádio e da televisão, há algumas décadas; com o surgimento da rede mundial de computadores, a partir dos anos noventa; com seu crescimento massivo e ininterrupto e com a popularização do acesso à *internet* e do consumo de dispositivos eletrônicos móveis que se conectam a ela, vê-se ocorrer a retribalização do mundo. Som, imagem, dados e informações dão volta no globo instantaneamente, o que faz com que se configure uma grande “aldeia global” (MCLUHAN, 1954), onde acontece uma nova inter-relação de sentidos. Observa-se uma retribalização intermediada pela tecnologia. E é onde se encontra o cerne da questão: é capaz de se viver *online*?

O que se nota acontecer é um gradual desaparecimento do modo tradicional, primitivo, mas característico do sujeito de se relacionar para que sejam cedidos tempo, espaço e condições a um novo jeito de interação pessoal. O presencial tem recuado e o virtual tem assumido maiores funções na vida e nos processos comunicacionais. E isso pode estar causando a quebra das clássicas relações interpessoais – nas quais as pessoas precisam se unir, reunir, dialogar, discutir presencialmente - e o conseqüente isolamento dos indivíduos em sociedade. O indivíduo assume e controla, então, uma forma de sobrevivência digital e passa a não desejar mais a, de outrora habitual, maneira de se inter-relacionar. A vida acontece ao seu redor, mas ele, entregue às facilidades e praticidades que o virtual lhe oferece, termina por esquecer de vivê-la.

Agora, na era dos *desktops*, *laptops*, dispositivos eletrônicos e celulares que cabem na palma da mão, a maioria de nós tem uma quantidade mais do que suficiente de areia para enterrar a cabeça. Não precisamos mais nos preocupar com a habilidade superior do vendedor para ler rostos, com seu

poder de persuasão ou com nossos momentos de fraqueza. Meus temores e esperanças, desejos e dúvidas continuarão sendo o que devem ser: meus e apenas meus. Não vou me apressar em pressionar as teclas “compre agora” e “confirme” antes de ter coletado, listado e examinado todos os “prós” e “contras” das diversas escolhas possíveis. [...] Sou o único no comando. Sinto-me protegido dos complôs e subterfúgios dos desconhecidos e impenetráveis outros – mas também de mim mesmo, de um aspecto que esteja me escapando, de agir “impulsivamente”, de uma forma que posso vir a lamentar – não tenho como saber – pelo resto da vida. Isso se aplica à compra de carros, cortadores de grama, *home theaters*, *laptops* ou a uma viagem de férias. Por que não se aplicaria à aquisição de parceiros? (BAUMAN, 2008, p. 27-28)

Tem-se, assim, portanto, o terreno virtual como uma extensão de sua vida que poderia estar fomentada e ocorrendo no real. A tela do *gadget* funciona como o espelho narcísico em que o sujeito enxerga a figura de si mesmo e a de sua existência no mundo, passa a referenciá-las como genuínas e permite a amputação de suas conexões com seu semelhante real.

[...] os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios. [...] sobram razões para que uma extensão de nós mesmos nos mergulhe num estado de entorpecimento. [...] Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central. Nesta medida, trata-se de um desenvolvimento que sugere uma auto-amputação desesperada e suicida. (MCLUHAN, 1964, p. 59-61)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fotografia foi elaborada de forma a mostrar a passagem do tempo ao redor do objeto. Foi escolhida, então, como ponto de partida, a aplicação da técnica de *light painting* com as luzes das lanternas traseiras dos automóveis que transitavam na Avenida Washington Soares, em Fortaleza. Foi utilizada como base para o equipamento fotográfico a passarela localizada sobre a avenida e que dá acesso à Universidade de Fortaleza – UNIFOR. A câmera foi fixada em um tripé em cima da estrutura e apontada à parte lateral da rodovia, onde pudessem ser fotografados o modelo usando um aparelho celular na calçada e os carros, de forma que somente as luzes vermelhas ficassem apontadas para a câmera.

Para fazer o *light painting* com as luzes dos carros, o obturador - mecanismo responsável pelo controle do tempo de exposição - foi configurado para cinco segundos, gerando, assim, uma imagem de longa exposição. Para que a imagem não tivesse ruído, foi usado índice de sensibilidade óptico (ISO) na escala mínima - 100. Para deixar toda a cena em foco, o diafragma da objetiva ficou em abertura igual a 11 (f/11), extraindo assim também

o máximo de nitidez da lente - uma 70-300 f/4:5.6 da fabricante Nikon ajustada na distância focal de 112mm. Não foi utilizado *flash* e o balanço de branco permaneceu no modo automático. A foto foi feita e armazenada no formato .RAW para facilitar o pós-processamento.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Com o conhecimento da técnica fotográfica e sua prática pode-se obter diversos resultados para a imagem, momento ou cena desejados que se almeje deixar retratado. Um dos meios de capturar imagens é aquele em que se deseja passar ao espectador a ideia de movimento, seja de um objeto, cena ou tempo. E como poderia o homem demonstrar essa ideia de movimento ou passagem do tempo através de uma imagem estática? Foi a partir daí que foi surgindo e se aperfeiçoando a técnica de longa exposição, em que a câmera, na maioria das vezes e dependendo do resultado que se deseje, fica estática diante de um ambiente que se movimenta.

Essa forma de registro de imagens é utilizada em algumas modalidades da fotografia: desde fotos de paisagens, objetos em movimento, esportes, retratos, dentre outras. Podem ser citados exemplos para cada um desses tipos mencionados: nas fotos de paisagens pode-se utilizar a longa exposição para demonstrar a passagem do tempo através do movimento das nuvens, que ficarão borradas no céu; pode-se também registrar a queda d'água de cachoeiras ou pequenos córregos, passando para o visualizador uma ideia de fluidez, com um objeto deslocando-se no espaço, esboçado de forma borrada, porém reconhecível; no mundo dos esportes geralmente a intenção é de se ter sempre uma imagem muito nítida, menos borrada possível, em outras palavras “congelar a ação”, entretanto existem casos em que a fotografia em longa exposição (ou de baixa velocidade de obturação) entra em cena para deixar a imagem ainda mais atraente ao olhar humano (e principalmente fazer com que as atenções sejam focadas em apenas um ponto dela) e um desses casos é o registro do movimento de carros em altas velocidades, em uma corrida de Fórmula-1, por exemplo, onde o fotógrafo tentará se posicionar lateralmente em relação ao sentido em que o carro estiver sendo guiado e registrar apenas o veículo de maneira nítida, deixando o fundo com um aspecto borrado, remetendo mais uma vez ao movimento. Em nenhum desses casos se trata do borrado causado pela baixa profundidade de campo de uma determinada lente, mas sim pelo período em que o obturador da câmera estará registrando aquele momento, ou seja, pelo tempo em que o sensor ou filme estará recebendo luz e formando aquela foto.

Com essa intenção foi feita a foto, utilizando-se de um enquadramento aberto em relação ao modelo: o fotógrafo faz com que tudo aquilo que esteja ao redor do objetivo pareça não estar nítido, porém seja facilmente reconhecível. Este efeito faz com que todas as atenções, à primeira vista, sejam direcionadas para o objeto que se encontra nítido, parado em cena, que é exatamente o objetivo, o retrato desta imagem. Foi possível então retratar tanto a fluidez do tempo e movimento do ambiente, visto no risco deixado pelas luzes dos carros que ali passam, assim como a paralização do tempo de quem está isolado do mundo à sua volta.

A imagem foi feita usando uma câmera DSLR, de marca Nikon, modelo D7100, configurada para uma obturação em longa exposição (alguns segundos, neste caso); diafragma razoavelmente fechado, para que toda a cena pudesse estar em foco e uma teleobjetiva que conseguisse transmitir uma sensação de agrupamento entre o objeto e o ambiente em torno da pessoa ali retratada. Como é perceptível, a câmera foi posicionada em um ângulo acima do nível do ambiente no qual a cena foi retratada, para mesclar a pessoa com o restante da cidade e também mostrar o quanto ela se torna pequena diante do mundo que não para de se mover, enquanto ela está desligada presencialmente dele. Com o uso de um tripé conseguiu-se fazer com que toda a cena ficasse nítida. Sem o uso desse equipamento existiria um grande risco de a foto ficar com um aspecto tremido, o que não era a intenção nesse caso.

O objeto fotografado (o modelo usando o aparelho celular) também ficou imóvel enquanto a foto foi tirada, para que ele ficasse facilmente reconhecível, além de passar a ideia de parado no tempo em relação ao ambiente onde foi situado. Com a luz do próprio celular conseguiu-se iluminar o objeto, fazendo com que não fosse necessária a intervenção de nenhuma iluminação auxiliar. Isso também acabou auxiliando, em contraponto, na composição desta fotografia, pois foi exatamente esse isolamento que a pessoa passa por decorrência do uso de dispositivos eletrônicos o que se buscou na produção desta fotografia.



6 CONSIDERAÇÕES

A aplicação das técnicas de *light painting* e de longa exposição foi essencial para que se pusesse em prática o conteúdo teórico ministrado nas disciplinas de Fotografia 1 e 2 dos cursos de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza.

Pôde ser desenvolvido um olhar crítico sobre o que ocorre no presente, com o uso facilitado dos meios digitais em dispositivos eletrônicos, aplicativos e redes sociais. Percebe-se a ininterrupta e crescente massificação do acesso a eles e um conseqüente afastamento do indivíduo - que passa por processos de subjetivação subordinados ao terreno virtual – da convivência tangível e real com o próximo. Questiona-se, então, o que poderia ser desenvolvido por profissionais das áreas da Comunicação, da Tecnologia da Informação e da Engenharia de *Software* para que fossem resgatadas formas tangíveis de convivência em grupo e fora do âmbito *online*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MCLUHAN, Marshall. Visão, Som e Fúria. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: A Transformação das Pessoas em Mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.